

## NECROPOLÍTICA E PANDEMIA: A COVID –19 NA PERIFERIA DA CIDADE DE SÃO PAULO

Milena Pires de Sousa<sup>1</sup> 

Isabela Maria Nicola dos Santos<sup>2</sup> 

### Destaques:

- Relaciona-se o conceito de Necropolítica com a pandemia de Covid-19.
- As diferenças de infraestrutura na cidade de São Paulo afetam o número de óbitos por covid-19.
- Reflete-se sobre dados e informações disponíveis durante a primeira onda do covid-19.
- A pandemia afeta de forma diferente os distritos, sendo potencializada nas periferias.

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo iniciar uma análise de como o vírus Covid-19 se apresenta espacialmente na cidade de São Paulo, e como essa espacialização reflete uma necropolítica nos distritos periféricos da cidade, buscando compreender como a “política da morte” opera com expressão neste cenário pandêmico através da ausência de condições de prevenção, negligência no atendimento das periferias e circulação de desinformações, que acaba por evidenciar uma grande disparidade social que é contrastante e perceptível, e que vai separar e valorizar ou desvalorizar os corpos. A pandemia se caracteriza enquanto potencializadora das desigualdades socio-espaciais expressa na cidade de São Paulo.

**Palavras-chave:** Necropolítica; pandemia; Covid-19; periferia; desigualdade.

### NECROPOLITIC AND PANDEMIC: COVID –19 IN THE PERIPHERY OF THE CITY OF SÃO PAULO

**Abstract:** This article aims to start an analysis of how the Covid-19 virus presents itself spatially in the city of São Paulo, and how this spatialization reflects a necropolitic in the peripheral districts of the city, seeking to understand how the “death politic” operate in this pandemic scenario through the absence of preventive conditions, neglect in the care of the peripheries and circulation of misinformation, which ends up showing a great social disparity that is contrasting and noticeable, that will separate and value or devalue the bodies. The pandemic is characterized as a potentializer of socio-spatial inequalities expressed in the city of São Paulo.

**Keywords:** Necropolitics; pandemic; Covid-19; periphery; inequality.

<sup>1</sup> Graduanda em Geografia pelo Instituto Federal de São Paulo – IFSP. E-mail: milena.pires@gmail.com

<sup>2</sup> Graduanda em Geografia pelo Instituto Federal de São Paulo – IFSP. E-mail: isabelamndsantos@gmail.com

## NECROPOLÍTICA Y PANDEMIA: COVID -19 EN LA PERIFERIA DE LA CIUDAD DE SÃO PAULO

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo iniciar un análisis de cómo el virus Covid-19 se presenta espacialmente en la ciudad de São Paulo, y cómo esta espacialización refleja una necropolítica en los distritos periféricos de la ciudad, buscando entender cómo opera la “política de muerte” con expresión en este escenario pandémico. por la ausencia de condiciones preventivas, el descuido en el cuidado de las periferias y la circulación de desinformación, que termina mostrando una gran disparidad social que es contrastante y notoria, y que separará y valorará o devaluará los cuerpos. La pandemia se caracteriza por potencializar las desigualdades socioespaciales expresadas en la ciudad de São Paulo.

**Palabras clave:** Necropolítica; pandemia; Covid-19; periferia; desigualdad.

### INTRODUÇÃO

A Covid-19 é uma doença infecciosa da família de vírus chamada Coronavírus. Essa doença tem procedência ainda incerta, mas acredita-se que o vírus tenha origem em animais vendidos no mercado central de Wuhan, metrópole chinesa onde o vírus foi descoberto em dezembro de 2019. A doença é transmitida pelo contato com secreções de pessoas contaminadas: gotículas de saliva, espirro, tosse, toque ou aperto de mão seguido de contato com boca, nariz e olhos.

A Covid-19 foi amplamente disseminada até se caracterizar como uma pandemia, e tem mudado relações e realidades. A doença chegou no Brasil em 2020, e desde então pode-se observar uma avalanche de modificações no cenário de relações internacionais, dinâmicas de trabalho, convivência, lazer, disseminação de informações e de desinformações, além de mudanças na forma como tratamos a saúde mental e física.

A pandemia tem evidenciado as estruturas que os territórios são formados. A Covid-19 pode ser lida como uma violência na vida de milhares de pessoas, tanto psicologicamente, em estruturas de exclusão, quanto em seus corpos. A forma pela qual o poder público gerencia ou não gerencia as questões e novas realidades de subsistências que vêm sendo criadas nos leva a uma dimensão da necropolítica a partir da qual nossa sociedade neoliberal vem se estruturando. Isso abrange estruturas territoriais e informacionais, onde a informação científica de saúde pública pode salvar vidas. Porém, temos o Estado

omitindo informações e gerando desinformações, causando assim, a morte de brasileiros.

Na cidade de São Paulo, temos uma formação contrastada do tecido urbano que separa corpos, e podemos ver assim, como a doença se espalha na periferia da cidade, que consequências ela traz, como o Estado atua na administração desses corpos e como o valor delegado a vidas se dá de formas diferentes.

Através de mapas e índices gerados por diferentes veículos de pesquisa e imprensa, temos evidências dessa diferenciação no gerenciamento da contenção do vírus. Importante ressaltar que o vírus chegou ao Brasil a partir de pacientes de classe média-alta, mas que agora apresenta números que revelam uma discrepância gritante entre os distritos da elite e os das periferias.

## **PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS**

Neste estudo, foram analisados a produção de Achille Mbembe, bem como artigos que tratam do autor, e estudos de urbanização no que compete à temática da segregação socioespacial e à periferização. Foram também utilizados materiais midiáticos e dados estatísticos, produzidos por organizações como o IBGE e a SEADE, além de mapas elaborados a partir de dados divulgados pela Prefeitura Municipal de São Paulo e pelo Ministério da Saúde.

Na busca realizada nos periódicos científicos, foram lidas algumas publicações dos últimos meses e selecionados os artigos que relatam os impactos da pandemia. O procedimento adotado para os dados estatísticos foi bem semelhante, já que todos os dados disponíveis pelas organizações oficiais foram observados e apenas os que competem a cidade de São Paulo foram separados para a análise.

## **ESCOLHENDO QUEM VIVE E QUEM MORRE: O CONCEITO DE NECROPOLITICA**

Foucault (2005) já havia conceituado como a soberania e o acúmulo do poder de matar e fazer de matar ou deixar viver estão ligados à disciplina, que é o poder que vem depois: como fazer viver ou deixar morrer. Mbembe (2016; 2017) associa essas questões ao neoliberalismo, e retoma uma forma atualizada

de soberania que são o Estado e o poder, este que volta a ser um poder de matar, e é exercido através da morte. Diferentemente da soberania, o poder não está necessariamente centralizado no Estado, mas ele passa a ser centralizado em outros agentes empresariais, agentes de securitização. No Estado através do exército, das ocupações militares, do urbanismo militar, mas também através das regulações econômicas que expõem populações vistas como dispensáveis populações que não são interessantes do ponto de vista da exploração econômica, que não têm formação ou que são excedentes e estão sobrando essa economia vai expor estas pessoas à morte, tirando-lhes as condições que oferecidas anteriormente: as condições de segurança, bem estar, alimentação, saúde, educação, etc.

A Necropolítica (MBEMBE, 2016; 2017) é a política de morte no neoliberalismo. Mbembe dialoga com Foucault e Agamben, mas em sua produção, Políticas da inimizade (2017), restringe-se a exemplos do estado de Israel e da ação de Israel na Palestina.

A construção da ideia de soberania está intimamente associada à ideia de morte, associação que leva a um constante estado de exceção para algumas populações em virtude de sua condição social, racial ou de gênero. A morte do outro induz o terror para estabelecer uma ordem social vigente, sujeitando regiões que estão submetidas a um controle permanente das condições necessárias de sobrevivência a níveis mínimos.

A necropolítica se torna central para avaliarmos a sociedade brasileira, quando encontramos um Estado com seu aparato policial que cria uma encruzilhada nas periferias urbanas, habitada pela faixa populacional de jovens, pobres e negros. Considera-se essa parcela da população como ilegítima, sendo através da violência e do extermínio que se legitima o discurso da necropolítica como pacificação da sociedade. É importante ressaltar que essa faixa populacional vem sendo morta, não apenas em um contexto da Covid-19, mas em aspectos gerais, elas lideram o ranking de mortes por homicídio, devido a diversas vulnerabilidades de acordo com o estudo: Atlas da violência, divulgado em 2019 divulgado pelo instituto de pesquisa econômica aplicada.

Historicamente, a formação de periferias é um fenômeno que acompanha a urbanização, mas no Brasil, teve alguns aspectos diferentes, devido a

escravização e outras peculiaridades, como a Lei de Terras. Os ex-escravizados que foram expropriados das terras vinham para os centros urbanos que estavam se formando, sobretudo em São Paulo, e já sofriam com esse afastamento do centro e dos aparatos de infraestrutura, uma vez que a elite comprava terras, impulsionando a especulação fundiária.

A formação das periferias está intimamente ligada ao processo de industrialização da cidade, que vai se acentuando e se modificando com a chegada de imigrantes italianos e japoneses e migrantes nordestinos, em períodos diferentes. Assim, São Paulo, devido à sua configuração urbana, associada ao progresso da economia do café e ao posterior pioneirismo na industrialização, constitui-se como a metrópole vanguardista econômica do país, garantindo, com isso, a sua onipresença em relação aos outros estados e cidades, considerando o fluxo de informações que passam a ser produzidos na cidade. Essa modernização foi a chave para a transformação e criação não só dos seus centros de decisão, mas, sobretudo, das periferias. A respeito dessa modernização da cidade de São Paulo, e de sua economia, Santos (1993) a define como uma cidade corporativa ou monopolista, que ao mesmo tempo que garante os benefícios urbanos às grandes empresas, exclui a classe trabalhadora desses mesmos benefícios urbanos, acentuando a segregação urbana:

A modernização da economia, com a exclusão dos trabalhadores considerados excedentários, é paga pelo conjunto da classe trabalhadora. E os recursos restantes são sobretudo utilizados com duas destinações: 1) o equipamento das cidades, renovando seu estoque de infraestruturas para o acolhimento mais cabal de atividades modernas; 2) o financiamento da construção de apartamentos e casas, sobretudo para as classes médias, já que os programas de atendimento às populações de baixa renda somente foram mais largamente desenvolvidos a partir da década de 70 (SANTOS, 1993, p. 112).

Nesse sentido, Raimundo (2017) expõe o discurso da modernização na cidade de São Paulo como instrumento ideológico de sua própria legitimação:

No caminho para a compreensão do processo de formação do território urbano da cidade de São Paulo, a modernização, motor transformador das bases da sociedade, coloca-se como elemento fundamental. Entendida como progresso técnico, instala-se num movimento dialético entre o subjetivo e o objetivo, imaterial e material, no território, configurando assim a produção do mesmo. As ideias de moderno, marcadas pelo desenvolvimento do conhecimento científico e do progresso

técnico com grandes acúmulos de inovação, funcionam como suporte ideológico para justificar e legitimar a modernização da cidade e da metrópole (RAIMUNDO, 2017, p.48).

O processo de formação de São Paulo desenhou uma modernização seletiva que produz pobreza e escassez nas periferias. Na construção do caráter ideológico do espaço da periferia, os seus moradores são vistos como atrasados, violentos, como inimigos, e, portanto, passíveis de sofrerem violências. O intuito é de exterminá-los, pacificá-los, em uma lógica de colonização dos corpos que devem ser domados:

A cidade do colonizado, a cidade indígena, a cidade negra, o bairro árabe, é um lugar de má fama, povoado por homens também de má fama. Assim, nasce-se em qualquer lado, de qualquer maneira. Morre-se em qualquer parte e não se sabe nunca de quê. É um mundo sem intervalos, os homens estão uns sobre os outros, as cabanas dispõem-se do mesmo modo. A cidade do colonizado é a cidade esfomeada, por falta de pão, de carne, de sapatos, de carvão, de luz. A cidade do colonizado é uma cidade de cócoras, de joelhos a chafurdar. É uma cidade de negros, uma cidade de ruminantes (MBEMBE, 2017, p. 107).

A construção deste espaço das periferias não foi ao acaso. A periferia aparece como legitimação, uma vez que são as classes dominantes que estabelecem as relações de poder, controlando como se dá a circulação (meios de transporte) e a comunicação (rádio, televisão, influencia em mídias sociais), ou seja, comandando os instrumentos da modernização da cidade. Assim, são capazes de controlar o deslocamento e as psiques dos corpos subalternos. Raffestin (1993) chama este fenômeno de sistemas territoriais, formados por tessituras em malhas heterogêneas. Desta forma o poder atuante é visto de maneira multidimensional, não apenas centralizado no Estado, mas na formação de nós e redes, estabelecendo ligações políticas e territoriais. Nesse sentido, a periferia está intimamente ligada aos espaços da cidade nos quais ela está segregada por essas redes.

Atualmente, a paisagem urbana de São Paulo é marcada por contrastes, sendo possível identificar uma favela em meio a condomínios de alto padrão. Este processo é refletido por Tereza Pires do Rio Caldeira, que estuda esses novos enclaves fortificados da segregação urbana. Uma vez que essa segregação está mais fluida espacialmente, as classes tentam manter o status social por esses aparatos fortificantes, que são:

(...) fisicamente isolados, seja por muros, espaços vazios ou outros recursos arquitetônicos; estão voltados para dentro, e não para a rua; são controlados por guardas armados e sistemas de segurança privada que põem em prática regras de admissão e exclusão (CALDEIRA, 1997, p. 159).

Dessa forma, retomamos aqui a ideia e noção de rede de Raffestin (1993), uma vez que por mais que haja esforços para essa segregação, o espaço da cidade se configura de forma interligada e subordinada a uma lógica violenta marcada pela Necropolítica.

### **ESSA DOENÇA COMEÇOU LÁ NA ELITE, E AGORA, ESTÁ COMEÇANDO A GANHAR ROSTO, NOME, ENDEREÇO E CPF**

São Paulo tem 1.715 favelas cadastradas pela Secretaria Municipal de Habitação (SEHAB, 2017). Destaca-se o predomínio de favelas de pequeno porte, distantes da área central.

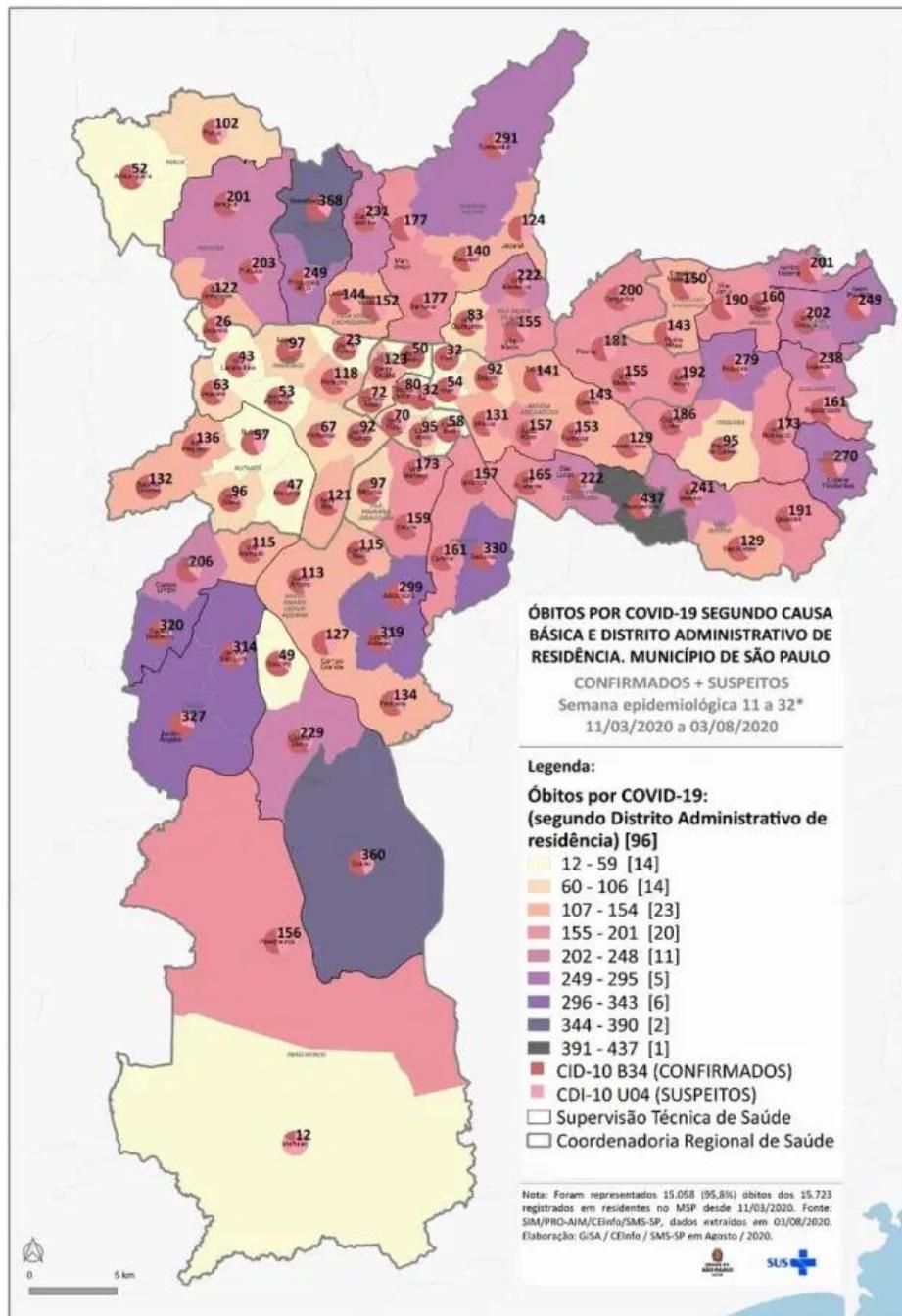
Os primeiros casos de Coronavírus surgiram nos distritos mais ricos, pois a doença teve origem na China, foi se espalhando pelo mundo e estava inicialmente ligada a conexão e fontes de viagens internacionais: tanto o chamado Paciente 1 (primeiro caso confirmado de Covid-19 no país), quanto todos os outros primeiros casos foram trazidos por pacientes que estiveram na Europa nos últimos anteriores. Segundo a Sanar Saúde, dos 25 primeiros casos confirmados no Brasil, 21 teriam sido de pacientes que viajaram para fora do país, e os outros quatro por transmissão interna. A segunda morte por Covid-19, inclusive, teria sido de uma mulher de 63 anos cuja empregadora viajou para a Itália, foi diagnosticada e transmitiu a doença. Portanto, acaba ficando clara essa relação com os muros construídos socialmente, pois apesar da invisibilização da população mais pobre, não se pode ignorar esse contato, reflete-se:

As classes média e alta estão criando seu sonho de independência e liberdade — tanto da cidade e de sua mistura de classes quanto das tarefas domésticas cotidianas — à base de serviços prestados por trabalhadores pobres. Dão armas a seguranças privados mal pagos para controlar seu próprio movimento de entrada e saída de seus condomínios. Pedem a seus office-boys igualmente mal pagos para resolver todos os seus problemas burocráticos, desde pagar suas contas e ficar em todo tipo de fila até transportar inacreditáveis quantias de dinheiro. Também pedem a suas empregadas domésticas — que

muitas vezes moram nas favelas do outro lado do muro do condomínio — para lavar e passar suas roupas, arrumar suas camas, comprar e preparar sua comida e, frequentemente, cuidar de seus filhos o dia todo. Num contexto de medo crescente do crime, em que os pobres são muitas vezes associados à criminalidade, as classes médias e altas temem contato e contaminação, mas continuam a depender de seus empregados. Anseiam por encontrar maneiras mais eficientes de controlar essas pessoas que lhes prestam serviços e com quem mantêm relações tão ambíguas de dependência e evitação, intimidade e desconfiança. (CALDEIRA, 1997, p. 161).

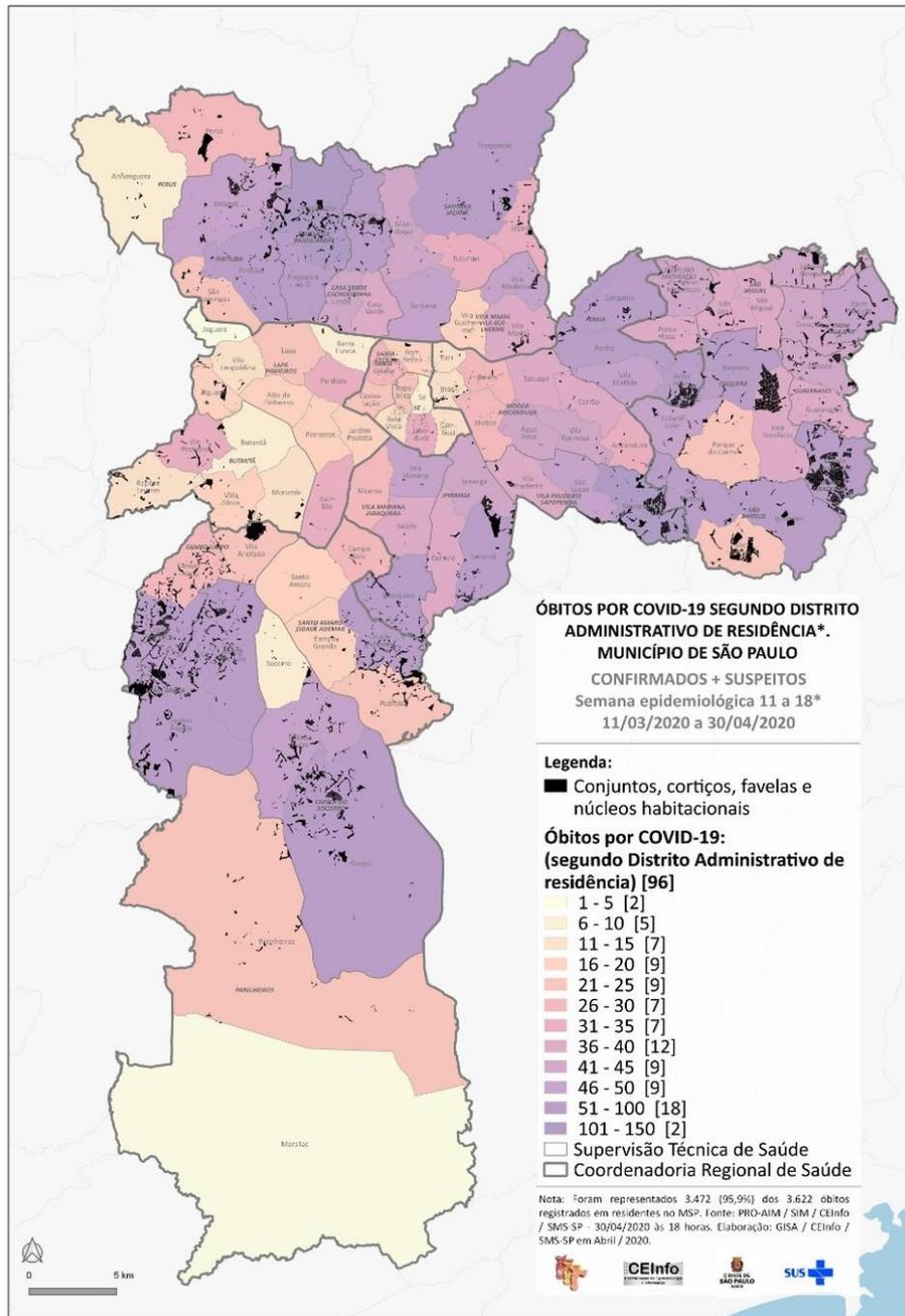
A partir de dados divulgados pela Secretaria de Saúde da Prefeitura de São Paulo, e da Rede Nossa São Paulo, uma organização da sociedade civil em parceria com instituições privadas e públicas, obtemos os seguintes mapas:

**Imagem 1** - Mapa dos óbitos por Covid-19 segundo a causa básica e distrito administrativo de residência, no município de São Paulo



Fonte: Prefeitura Municipal de São Paulo, 2020.

**Imagem 2** - Mapa de óbitos de Covid 19- e a moradia precária no município de São Paulo



Fonte: Prefeitura Municipal de São Paulo, 2020.

Podemos observar a partir dos mapas do período de primeira onda da pandemia que os distritos com maiores números de mortes confirmadas e suspeitas de Covid-19 são justamente os distritos periféricos da cidade de São

Paulo: Brasilândia, na zona norte, Sapopemba, na zona leste e Grajaú, Jardim Ângela, Capão Redondo e Jardim São Luís, na zona sul da capital. Estes são os distritos da capital que apresentam cores mais escuras nesta representação, o que significa números mais elevados de mortes pela doença. O novo Coronavírus, que começou com a classe média, se espalha e atinge a periferia, reafirmando os aparatos necropolíticos.

Assim, é plausível de observar que as mortes são mais numerosas na periferia da cidade, o que revela que a saúde opera necropoliticamente na medida em que produz acessos a equipamentos e a hospitais de qualidade. Falamos de acesso quando vemos em quais localidades os hospitais de campanha foram construídos: Pacaembu, Ibirapuera e Anhembi. Áreas mais próximas ao centro e distritos mais nobres. A primeira testagem em massa realizada pelo Instituto Butantan (2020) também acentua esse caráter segregacional, pois ocorreu no formato drive thru, no estacionamento do Shopping SP Market, na Zona Sul da cidade. Se considerarmos qual é parcela da população possui um carro e/ou gasolina para se locomover até essa localidade, temos um recorte bem nítido a quem essa testagem foi destinada. De acordo com dados das subprefeituras, são as centralidades da cidade, Sé, Pinheiros e Vila Mariana que concentram mais de 60% dos leitos de UTI do SUS no município, o que coloca as pessoas residentes em outras regiões como menos assistidas.

De acordo com dados da Our World in data (Universidade de Oxford, 2020), o Brasil ocupava a 50<sup>a</sup> posição entre os países que menos realizam testagem de Covid-19 em seus habitantes, o que o deixa extremamente defasado em relação a outros países que iniciaram os testes em massa antecipadamente, gerando dados e estatísticas que tornam muito mais viável a criação de políticas públicas para a contenção do vírus. Essa deficiência de testagem para a geração e disseminação de informações colabora com uma falsa imagem de poucos casos vigentes e conseqüentemente, incentivando maiores aberturas nas cidades, tornando iminente uma mais expressiva disseminação do vírus, sobretudo onde a informação chega mais tardiamente. Esse caráter revela também uma medida do Estado, uma vez que com pouca testagem, pouco se compreende sobre a movimentação do coronavírus. Além disso o poder público vem omitindo e

divulgando informações incorretas para o combate do coronavírus, ficando a cargo da mídia a divulgação e organização de dados.

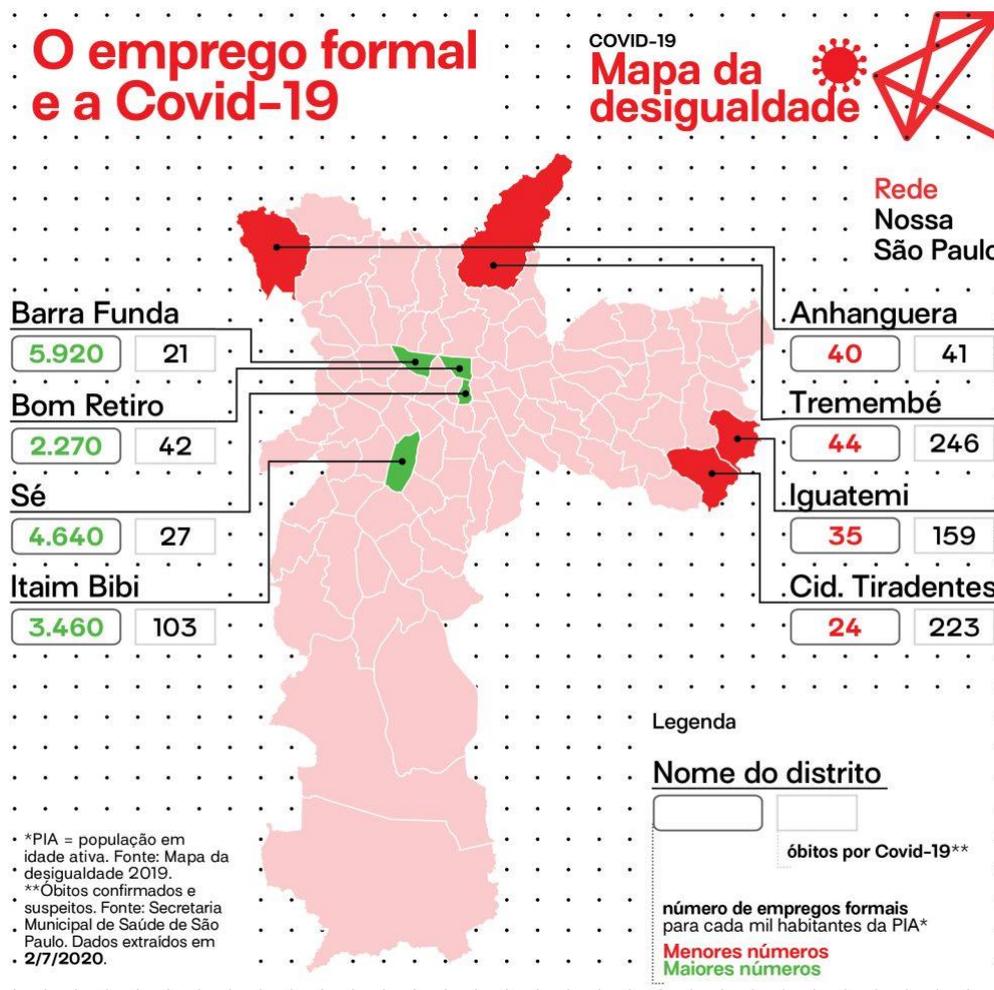
Em questões de informação, temos a necropolítica atuando, uma vez que a emergência dos dados de forma segura não tem a mesma circulação nas áreas mais desfavorecidas, devido ao difícil acesso aos baixos níveis de instrução e à disseminação de fake news, o que impede as periferias de receberem a informação científica e correta. Pode-se observar através de fontes midiáticas que a quarentena nunca ocorreu de fato na periferia, devido às condições de moradia e emprego. Muitas pessoas não deixaram de utilizar o transporte público, que se manteve lotado.

Sobre as questões de necropolítica na infraestrutura, podemos relacioná-la com o fato de em diversos lugares da cidade onde ocorrem essas mortes não haver acesso a saneamento básico e água encanada. Além disso, por diversas vezes, a água é desligada a partir de um certo horário, o que dificulta a realização das diretrizes de higiene que combatem a Covid-19.

Outra questão que pode ser avaliada é pelo viés econômico. De acordo com dados da PNAD COVID do IBGE (2020), 2,8 milhões de pessoas estão afastadas do trabalho devido ao distanciamento social no Brasil, e sabe-se que o teletrabalho não é possível em todas as profissões. Apesar de tratativas do governo para o pagamento de auxílios, não há a inclusão de todos os brasileiros, pois para receber o auxílio é necessário um celular com internet, o que não é uma realidade homogênea. Muitas pessoas se viram obrigadas a parar os estudos, tanto na escola básica quanto no ensino superior, por não serem contempladas com a continuidade dos estudos via EaD: grande parte dos estudantes não possui acesso à internet. Por exemplo, as grandes empresas de telefonia e serviços de internet como Tim, Claro e Vivo não chegam na favela do Heliópolis, na zona sul, o que se reflete na realidade de diversas comunidades ao longo do território paulistano. Além disso, muitos trabalhadores autônomos e informais perderam seus empregos.

A partir dos mapas a seguir, podemos visualizar que a baixa renda e o trabalho informal são fatores de fragilidade na pandemia:

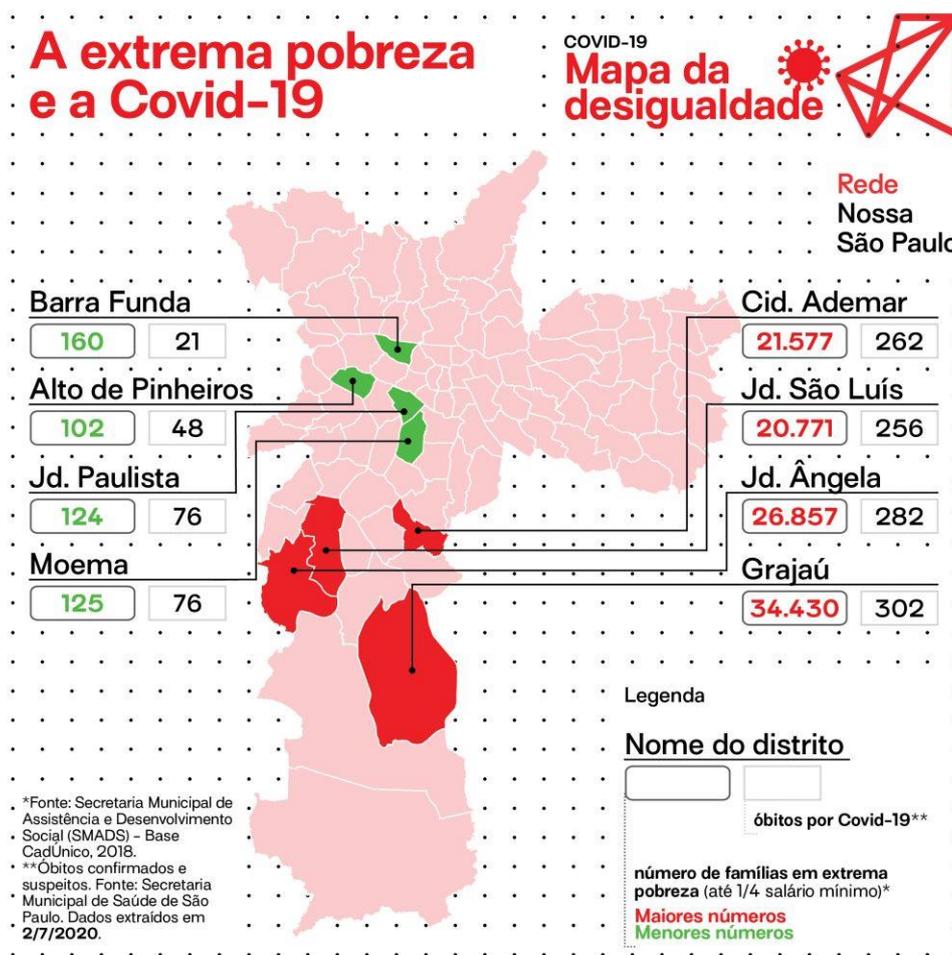
**Imagem 3** - Mapa do emprego formal e a Covid-19 no Município de São Paulo



Fonte: Rede Nossa São Paulo, 2020.

Este primeiro mapa se refere à relação entre os índices de empregos formais para cada mil habitantes da população em idade ativa. Podemos observar os maiores números concentrados em distritos centrais e os menores em distritos periféricos. Os índices de óbitos por Covid-19, em média, são menores no centro e mais elevados na periferia.

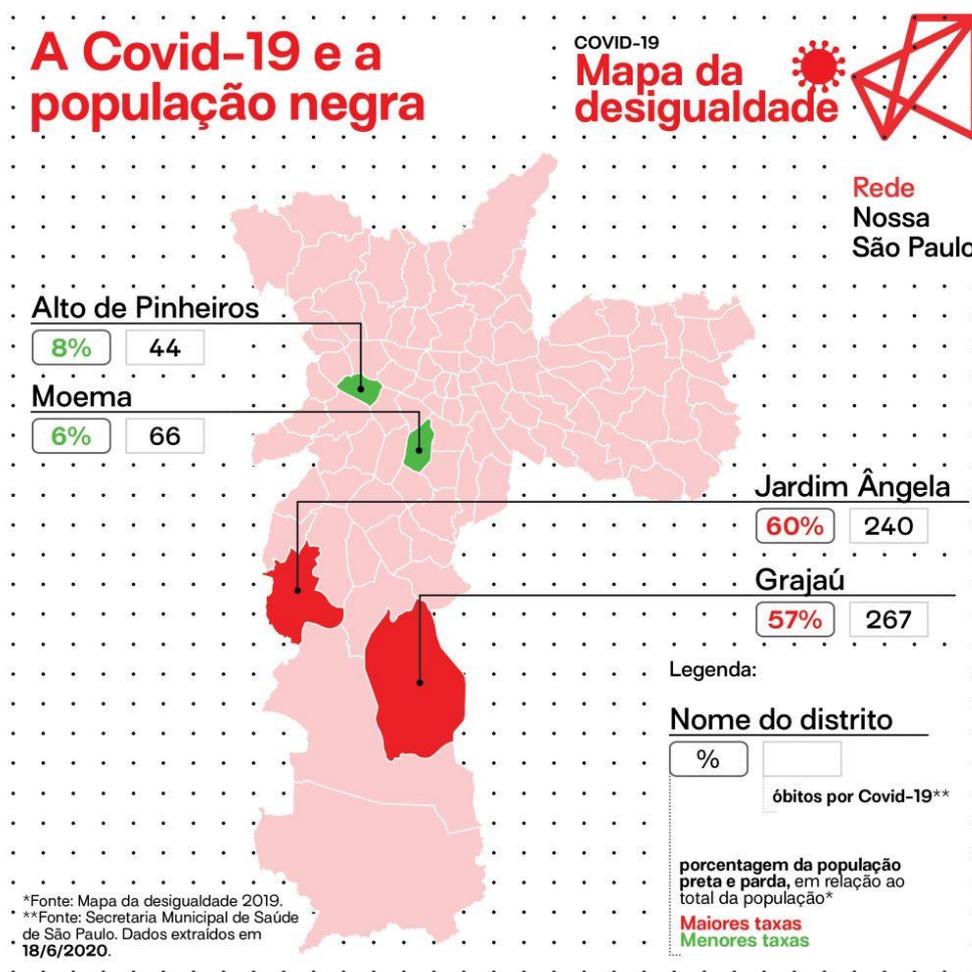
Imagem 4 - Mapa da extrema pobreza e a Covid-19 no Município de São Paulo



Fonte: Rede Nossa São Paulo, 2020.

Este mapa, com maiores contrastes, revela a relação entre a pobreza e o vírus, destacados os distritos centrais com menores índices, tanto de famílias em situação de extrema pobreza, quanto de óbitos por Covid-19. O inverso se revela em quatro distritos periféricos da zona sul da capital, que possuem números elevadíssimos de famílias em extrema pobreza e de óbitos pelo vírus.

**Imagem 5** - Mapa da Covid -19 e a população negra no município de São Paulo



Fonte: Rede Nossa São Paulo, 2020.

Vemos aqui a relação dos distritos com maior número de casos de óbito por coronavírus com os distritos com menor número de casos e a porcentagem da população negra ali residente. Podemos assim dizer que a realidade expressa uma questão racial.

Todos esses pontos elencados podem ser considerados conforme a definição de Mbembe (2017, p. 153). Segundo o autor, na atualidade há: “[...] formas contemporâneas de subjugação da vida ao poder da morte (necropolítica) que reconfigura profundamente as relações entre resistência, sacrifício e terror.” Em relação ao quadro populacional Mbembe acrescenta:

Consiste em colocar em condições insustentáveis um número cada vez maior dessas pessoas tidas como indesejáveis, cercá-las no cotidiano, infringir-lhes repetidamente incalculáveis golpes e feridas racistas, despojá-las de todos os direitos adquiridos, atirá-los para fora da colmeia e desenhá-las de

modo a que apenas lhe reste a autodeportação; (MBEMBE, 2017, p. 96)

Assim, os corpos submetidos às periferias sofrem com essa violência. Ao mesmo tempo, sofrem a morte do próprio corpo causada pelo Estado, no contexto da pandemia da Covid-19. É importante considerar como a doença se faz na estrutura social e econômica e ter em vista quais são as classes, gêneros, identidades sexuais, cor, raça, etnia afetadas e como são lidos seus corpos que podem ser violentados, acolhidos, se são úteis, inúteis, protegidos, abandonados, curados ou mortos. É constatado, por exemplo, que os distritos com a maior população negra são os mais atingidos pela Covid-19. “Dos 48 distritos que possuem maior população negra, 32 deles estão entre os que lideram o número de mortes e mortes suspeitas”, diz o site Agência Mural. O inverso também é verdade: “Em contraponto, os dois distritos com menor proporção de população negra entre os habitantes, Alto de Pinheiros (8%) e Moema (6%), registram os menores números de vítimas”, constata o veículo.

Portanto, salienta-se que existem várias formas de matar, o corpo e a alma, a cultura, e que nosso modelo de Estado e construção de sociedade estão com bases fincadas nas mortes de pessoas jovens, de pobres e negros. E que a pandemia da Covid-19 revela a perversidade estrutural do território contemporâneo, uma vez que a pandemia serve muito mais como potencializadora das desigualdades socioespaciais do que criadora delas. Ademais, dado o caráter mundial da crise, há certa dificuldade em ocultar ou dissimular o agravamento desses problemas, tornando-os o ponto central do debate público.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo deste estudo foi relacionar a pandemia de Covid-19 com o conceito de Necropolítica, tendo como recorte espacial, a cidade de São Paulo. Após a pesquisa, entende-se que a pandemia do Coronavírus evidencia a estrutura material já conformada da cidade de São Paulo, marcada por contrastes. Também revela uma estrutura Necropolítica sustentada pelo poder público. Salienta-se que estamos falando de mortes, sendo necessária uma

discussão acerca da diferenciação das infraestruturas para a manutenção da vida.

Apesar da dificuldade e dos poucos dados produzidos, tendo que recorrer a fontes midiática, ainda assim, é possível evidenciar as diferenças de formação dos territórios pelos distritos. Quando vemos que na realidade as mortes da covid-19 e a quem elas afetam, é possível observar que as práticas necropolíticas estão atuando enquanto processo político.

## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA MURAL. Panorama da Covid-19 na Grande São Paulo. Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/panorama-da-covid-19-na-grande-sao-paulo/>. Acesso em 17 out. 2020.

AGÊNCIA MURAL. Por que bairros com maior população negra em SP são mais afetados pela Covid-19. Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/populacao-negra-covid-19-sp/>. Acesso em 17 out. 2020.

CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. Enclaves Fortificante: a nova segregação urbana. Tradução: Heloísa Buarque de Almeida. **Novos Estudos CEBRAP** N.º 47, março 1997 p. 155-176.

EL PAÍS. Periferia lidera as mortes por coronavírus na cidade de São Paulo, e as mulheres adultas são as mais infectadas. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-04-18/no-mapa-do-coronavirus-na-cidade-de-sao-paulo-a-periferia-lidera-as-mortes-e-as-mulheres-adultas-sao-as-mais-infectadas.html>. Acesso em: 13 out. 2020.

FACULDADE DE MEDICINA USP. Covid 19 Brasil. Disponível: <https://ciis.fmrp.usp.br/covid19/sp-br/>. Acesso em: 13 de out. de 2020.

FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade**. Curso no Collège de France, 1975-1976. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FUNDAÇÃO SEADE. Boletim Completo, SP contra o Coronavírus. Disponível em: <https://www.seade.gov.br/coronavirus/#>. Acesso em: 13 de out. de 2020.

GIFE. Porque as periferias e favelas estão sofrendo mais com o CoronaVírus. Disponível em: <https://gife.org.br/por-que-periferias-e-favelas-estao-sofrendo-mais-com-o-coronavirus>. Acesso em: 13 out. 2020.

IBGE. **PNAD COVID**. Disponível em: <https://covid19.ibge.gov.br/pnad-covid/saude.php>. Acesso em: 13 de out. de 2020.

IBGE. **Tábua completa de mortalidade para o Brasil – 2019** Breve análise da evolução da mortalidade no Brasil. Rio de Janeiro, 2020.

INSTITUTO BUTANTAN. Butantan amplia drive thru de teste para diagnóstico de CoronaVírus. Disponível em:

<http://www.butantan.gov.br/noticias/butantan-amplia-drive-thru-de-teste-pcr-para-diagnostico-de-coronavirus>. Acesso em: 13 de out. de 2020.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (Org.). **Atlas da violência 2019**. Brasília; Rio de Janeiro; São Paulo: IPEA; FBSP, 2019.

KAROL, Eduardo. SILVA, Catia Antonia da. **Da geografia da população à necropolítica: presentificação e disputas de sentido em tempos de coronavírus**. Rev. Tamoios, São Gonçalo (RJ), ano 16, n. 1, Especial COVID-19. pág. 39-49, maio 2020.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Revista ppgav/eba/ufrrj. n.32. dezembro de 2016.

MBEMBE, Achille. **Políticas da Inimizade**. Portugal: Antígona, 1ª ed. julho de 2017.

NEXO JORNAL. A pandemia do CoronaVírus no Brasil e no Mundo. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/index/2020/03/13/A-pandemia-do-coronav%C3%A9rus-no-Brasil-e-no-mundo>. Acesso em: 13 de out. de 2020.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo (SP): Ática, 1993.

RAIMUNDO, Sílvia Lopes. **Território, Cultura e Política: Movimento Cultural das Periferias, Resistências e Cidade Desejada**. FFLCH, 2017.

REDE NOSSA SÃO PAULO. Relação com trabalho e renda é indicado como fator de risco na pandemia. Disponível em: <https://www.nossasaopaulo.org.br/2020/07/10/relacao-com-trabalho-e-renda-e-indicado-como-fator-de-risco-na-pandemia/>. Acesso em 17 out. 2020.

SANTOS, Milton. **A urbanização Brasileira**. São Paulo: Hucitec. 1993.

Recebido em 13 de Novembro de 2020

Aceito em 14 de Maio de 2021